

Paternidades Trans: homens que engravidam e cuidam

Milena do Carmo Cunha dos Santos¹

Resumo: Esse artigo traz uma breve análise do caso de Trystan Reese, um homem transexual dos Estados Unidos que, devido às suas possibilidades biológicas, engravidou em 2016. Articulado com conceito de pós-humano proposto por Rosi Braidotti (2001), fala de corpos e identidades que habitam fronteiras, as ultrapassam e reformulam, e servem como quebra de paradigmas relacionados aos papéis sociais de gênero. A gestação e todos os processos a ela relacionados podem promover a reflexão e a desconstrução da experiência do cuidado de crianças, que foi vinculado às mulheres histórica e culturalmente. Para tanto, a perspectiva do cuidado é trazida na perspectiva de entendê-lo como uma responsabilidade de toda a sociedade.

Palavras-chave: Homem Trans; Identidade de Gênero; Papéis Sociais; Paternidade; Cuidado

Introdução

Esse artigo tem a intenção desenvolver algumas reflexões sobre as Paternidades Trans, relacionadas ao aspecto dos “homens trans(gênero) que engravidam.” Pesquisar um tema como esse é importante para tornar inteligível uma categoria que, por mais heterogênea que se apresente, enfrenta em seu cotidiano discriminações específicas, e também para produzir conhecimento sobre mudanças sociais em relação à identidade de gênero e à transformação de papéis sociais.

A abordagem das pessoas trans neste artigo representa indivíduos que não coincidem sua identidade de gênero com o sexo biológico que lhes foi designado ao nascerem. A vivência de um gênero discordante do sexo é uma *questão de identidade*, como no caso das pessoas travestis e transexuais que pertencem a um grupo chamado “transgênero” (JESUS, 2012) e independe de modificações corporais. Nesse caso específico, são pessoas que se identificam como homens, embora tenham sido biologicamente classificadas enquanto mulheres.

¹ Estudante do Programa de Doutorado em Estudos Feministas oferecido pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em colaboração com o Centro de Estudos Sociais. Socióloga.

Para ilustrar o tema, foi escolhido o caso de Trystan Angel Reese, homem trans que deu à luz a seu primeiro filho biológico em 2017 em Portland, Oregon, nos Estados Unidos. Casado com Biff Chaplow, um homem *cisgênero* e pai adotivo de outras duas crianças, esse caso torna-se emblemático pois a gestação, o parto e a convivência da família passaram a ser publicizados a partir das redes sociais e de um blog criado por Trystan e seu marido, intitulado *Biff and I*.² Nele, a vida em família, o crescimento do caçula Leo e os eventos dos quais participam em torno do tema são pontos de pauta.

Na realização dessa investigação, o ponto de partida foi a reflexão sobre a resignificação dos papéis sociais histórica e culturalmente atrelados aos órgãos genitais de homens e mulheres e que desconsideravam suas identidades de gênero. Sendo assim, esses homens que engravidam, dão à luz e amamentam devido às suas possibilidades fisiológicas, podem apresentar novas possibilidades de construção do exercício da paternidade e do cuidado? E ainda: o cuidado tem gênero?

Na tentativa de articular essa categoria de pessoas com identidade de gênero masculina e que possuem funções biológicas de uma pessoa do sexo feminino, partirei dos conceitos de *pós-humano* na perspectiva de Rosi Braidotti (2001), articulado com *ciborgue*, de Donna Haraway (1985). E para a discussão dos papéis sociais relacionados à paternidade e/ou maternidade, a abordagem da Ética do Cuidado, de Carol Gilligan e Joan Tronto torna-se emblemática para o entendimento de quem é responsável pelo cuidado, porque executa essa tarefa e quais são as consequências de uma reformulação da divisão do cuidado para a transformação de construções culturais relacionadas ao gênero.

Homens engravidam?

O conceito de pós-humano, dentre suas abordagens, permite pensar em diferentes identidades para além dos papéis sociais historicamente determinados e do entendimento normatizado dos corpos. Corpos esses que “escapam” dessa norma devido a “um deslocamento entre corpo e sexualidade, entre corpo e subjetividade, entre corpo e as performances de gênero” (Bento, 2006: 77), indo além do viés biológico que estrutura a sociedade a partir da binariedade da diferença sexual.

Analisando à luz de Rosi Braidotti e seu entendimento das *identidades nômade*s enquanto um modo ativo de reinvenção de um self descontinuado (2001: 400), a paternidade transgênera pode representar uma dessas categorias não convencionais, interseccionando

² Disponível no endereço: <https://www.biffandi.com>

corpos em transformação e identidades que se reconstróem a cada momento e mesclar desejos e possibilidades reprodutivas com quebras de paradigmas socioculturais.

Isso aparenta ser possível na sociedade contemporânea em um espaço de existência de um imaginário teratológico que cultiva as particularidades, permite que se desenvolvam corpos desviantes de tentativas de normalização, para que possam ser eles próprios possíveis “inovações”. O imaginário social que contém transições e transações, dá conta de um sujeito que se forma na dialética do “dentro” e “fora”, que pertence aos espaços “entre”. Dessa forma, o sujeito moderno é desestabilizado através das transformações e das negociações ocorridas nessa reestruturação e as identidades rompem fronteiras sociais ao experimentarem-se fora de um padrão (Braidotti, 2001:396).

Pensar e agir a partir de uma identidade múltipla, que não ordene o sujeito à uma agência pré-determinada e acrítica permite que se desatrele e se desidentifique, em parte, do que foi socialmente imposto. Pode ser uma tarefa extenuante tendo em vista que a autoidentificação não ocorre sem obstáculos e, embora as identidades sejam cada vez menos fixas e mais fluidas, a cultura ainda está baseada em um protótipo hegemônico e heterossexual e, por isso, responde a um certo enquadramento.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2005:13)

As fronteiras identitárias podem ser transpostas na adoção de uma nova identidade, como no caso de homens ou mulheres trans que desejam transicionar. É possível que façam totalmente, modificando de maneira mais definitiva seus corpos (como no caso dos homens transexuais que fazem histerectomia); ou parcialmente, como no caso de Trystan, que mesmo tendo realizado mastectomia, interrompeu a tomada de testosterona e retomou sua ovulação.

É importante pontuar que há casos em que as pessoas transexuais sentem aversão ao corpo biológico que possuem, negando traços que as relembram dessas características e assumindo outra identidade de gênero ao longo de sua trajetória, desejando serem reconhecidas

enquanto tal. Experiências como a ovulação e, em especial, a “monstruação”³ podem ser muito aflitivas, bem como a de estarem em uma situação intermediária como ‘transgressores de gênero’ ou ainda em uma categoria de terceiro sexo. Dessa maneira, as tecnologias referidas que permitem que adquiram os contornos corporais que desejam tornam-se imprescindíveis.

Embora Trystan tenha passado por um período em que tenha procurado afastar-se das características femininas, ele entendeu seu corpo justamente nesse espaço de intermédio, sentindo-se como transgênero e não desejando ter um corpo diferente do que tem:

Se conseguirem perceber essa parte, então começa a fazer-vos mais sentido e a não parecer tão estranho eu querer conceber um bebê, pois não quero que meu corpo não seja um corpo transgênero. Sinto-me bem ser um homem com um útero e que tem a possibilidade de ter um filho. (Público.pt, 2017)

Assim, ao assumir-se homem e pai⁴ através de uma identidade masculina enquanto mantém um aparelho reprodutor feminino e engravida, provocou uma quebra do vínculo da gestação ao papel social da *mãe*, a ser exercido exclusivamente por mulheres. Ele ainda pontua: “acho que tenho um dom em ser um homem que começa a viver como um homem – que é como eu me sinto – e também começo a ser capaz de fazer essa coisa realmente incrível que muitas pessoas gostariam de fazer”.⁵

Alguns pesquisadores e ativistas utilizam-se da metáfora do *cavalo-marinho*⁶ para fortalecerem que os corpos que gestam não são necessariamente, femininos. Em relação a isso, Rezende e Monteiro apontam para uma desestabilização da gravidez como um atributo exclusivo que compõe a feminilidade. Para as autoras,

a potência que há nos corpos transmasculinos de gestar não é vista como algo que negue a masculinidade do homens trans, mas eles (re) significam isso a partir das suas vivências e experiências transmasculinas. Nesse sentido, a gravidez é pensada dentro de um contexto que

³ Dentre os ativistas que assim nomeiam a menstruação está João W. Nery, o primeiro transhomem submetido à cirurgia de redesignação sexual no Brasil e autor dos livros *Viagem Solitária: memórias de um transexual 30 anos depois* (2011) e *Vidas Trans – A Coragem de Existir* (2017).

⁴ Ao longo dessa reflexão, os conceitos de pai e mãe serão usados como representações de pessoas que exercem o cuidado, independente do gênero ao qual se identificam.

⁵ Extraído de “Meet the Man Who Is Eight Month Pregnant / This Morning”, disponível no canal Youtube (2017). Transcrição do original, em inglês: “I kind of started see it as a really amazing gift that I am a man, I get to live as a man which is how I feel I am, and also get to be able to do this really amazing thing that a lot of people would love to do.”

⁶ Nesta espécie, são os machos quem possuem uma bolsa onde armazenam os gametas fecundados e que dão à luz quando a gestação termina.

envolve relações de poder, relações de gênero, em que o processo produtivo é um importante elemento que conecta as pessoas em diferentes espaços e entre diversos sujeitos sociais. (Rezende *apud* Monteiro, 2017: 8)

Decidir tornar pública a gestação foi, para Trystan, uma tentativa de enfraquecer estigmas e ampliar as possibilidades dos corpos e identidades trans trazerem para o espectro da “normalidade” e da aceitação social um evento biológico que pode ser vivido por diferentes identidades de gênero. Em seu caso, foi um processo de gestação biológica saudável e compatível com a identidade masculina, exemplificando que experimentações realizadas e experiências vividas por pessoas que se sentem desenquadradas dos parâmetros culturalmente estruturados passam a fazer parte de identidades em construção, tornando-se elas mesmas novos exemplos.

O cuidado tem gênero?

Trystan gerando um filho dentro de seu próprio útero, encarna um pai que é capaz de viver o papel reprodutivo socialmente atribuído às mulheres, embora não tenha qualquer vinculação identitária com o gênero feminino. Esse desenvolvimento conjunto das diferentes identidades é uma resposta ao surgimento de outras possibilidades de existência no mundo pós-moderno. A fluidez das identidades vai além dos binarismos e dicotomias e caracteriza o que Donna Haraway nomeia *ciborgue* (1985).

De acordo com Sebastião, o ciborgue rejeita a matriz identitária natural e a construção totalizante pois “não existe como natureza ou cultura, mas antes como um híbrido de ambos e algo mais, acaba por não ser limitado pelos tradicionais binômios ou paradigmas atuais” (2010: 66). Essa hibridez pode, portanto, transformar papéis sociais previamente engessados e apresentar novas reformulações para o entendimento da paternidade (ou maternidade) enquanto exercício do cuidado, independente do gênero.

Em relação à paternidade transgênera, é importante frisar que as tecnologias existentes que nos permitem associar ao contexto pós-humano referido, possibilitam novas identidades de gênero causadoras de fissuras no que é culturalmente entendido como masculino e feminino, desconstruindo estereótipos em todas as acepções de seus atos e criando novas performances.

Essas performances ou, de acordo com Butler (2010), *subversões performativas* asseguram que não há uma essência sobre o que é ser homem ou o que é ser mulher – e que aqui ampliamos para o que é ser pai ou o que é ser mãe – além de construções. Tudo é encenado

e os atos, desejos e gestos são reproduzidos no corpo, mas não são mais que encenações que atuam como discursos da verdade sobre as identidades.

Aquilo que não foi vivido e significado anteriormente em alguma cultura não é, por si só, empecilho às experiências como a dessa família. Para além das novas configurações familiares, simbolizadas por uniões homoafetivas, poliamorosas e entre pessoas trans e cisgêneras, a gestação de um bebê através de um útero ‘alojado’ em um indivíduo que possui uma identidade masculina, representa um alargamento das possibilidades pensadas sobre reprodução, configuração familiar e exercício do cuidado.

Isto posto, faz-se necessário pensar nas construções dos conceitos de pais e mães na sociedade moderna e ocidental e problematizar como essas funções podem ser repensados. Para tanto, pressupõe-se relações mais democráticas do que as estabelecidas e isso não depende só da boa vontade dos indivíduos (Badinter, 1993: 182). Políticas públicas que facilitem e acolham os homens nos serviços de saúde, profissionais capacitadas (os) para o atendimento a pessoas transexuais e travestis que optem por tornarem-se pais e mães são fundamentais para garantir do direito à paternidade/maternidade.

Os papéis de “provedor” para os homens e “cuidadora” para as mulheres estão em transformação, bem como os núcleos familiares heterossexuais tradicionais. De acordo com Trindade (1991), “os pais são reconhecidos não só como afetivamente importantes para os filhos como também aptos para providenciar todos os cuidados necessários para o seu bem-estar, inclusive aqueles que antigamente [eram] restritos exclusivamente às mães” (*apud* Lyra, 1997: 43). Dessa maneira, são os homens profundamente envolvidos com a criação e com as tarefas de cuidado do lar e de filhos e filhas, os que confirmam os benefícios de estarem envolvidos: as crianças que possuem modelos de afeto e apoio de figuras paternas são mais propensas a serem mais seguras e mais protegidas da violência e os homens apresentam melhor saúde física e mental do que os que não fazem (Instituto Promundo, 2014: 17).

No caso de uma paternidade homoafetiva que pressupõe uma configuração familiar distinta, onde os vínculos de afeto se dão entre pessoas do mesmo sexo e também entre pessoas travestis ou transexuais, o foco muitas vezes recai sobre a orientação sexual dos pais (ou mães). Entretanto, é a capacidade de cuidado e a qualidade do relacionamento com os filhos e filhas os fatores que correspondem à boa parentalidade (Zambrano, 2006: 128) o que se propõe discutir aqui.

São mais os julgamentos morais advindos de diferentes esferas da sociedade devido ao fato de ter dois pais, ou mesmo o peso que lhe será imposto por ter sido gerada por um homem que apresentam consequências para essa criança, do que a forma pela qual veio ao mundo, é

criada e se desenvolve. Ao mesmo tempo em que seguimos imersos em uma sociedade que nos normatiza e cria maneiras de se viver, é tarefa de situações como a apresentada atuar na abertura de possibilidades de cuidado divergentes, precursoras e possíveis.

Esse pai que é biológico e que ultrapassa as fronteiras entre a paternidade e a maternidade

será um homem a quem serão devolvidas (e que construirá), no contato com o bebê e a criança, as reações complexas e ambivalentes até aqui reservadas apenas à mãe. Não consideramos, entretanto, que ele será um pai-mãe, como dizem alguns. Ele será na verdade, um homem-pai. Não se trata de uma mera e simples troca de lugares, mas da construção de um outro lugar e de outros sentidos. [...] Nesse terreno, a única certeza é a diversidade. Diversidade de experiências, diversidade de arranjos familiares, diversidade de possibilidades. (Medrado e Lyra, 2002: 24)

Voltando à reflexão inicial sobre possibilidades distintas de construção do exercício da paternidade e do cuidado, e sobre o cuidado ter, necessariamente, um gênero, trago a Ética do Cuidado como mais uma possibilidade de responder a esses questionamentos.

Dentre as autoras que são referências dessa perspectiva, Carol Gilligan (2013) propõe uma tentativa de desfazer o modelo hierárquico e binário de gênero da sociedade patriarcal substituindo-o por um paradigma de democracia, onde o cuidado não esteja relegado exclusivamente às mulheres já que não é um interesse apenas delas, mas diz respeito à toda a sociedade. Do ponto de vista da psicologia, todos os seres humanos que foram cuidados aprendem como fazê-lo, mas as normas sociais de gênero direcionam meninos à esfera pública, à perda de empatia e à construção de uma masculinidade que, caso resista à construção binária do gênero e ultrapasse as fronteiras dos comportamentos esperados, é inferiorizada (Gilligan: 11).

Assim, na cultura ocidental, tende-se a proceder a uma diferenciação sobre o que cada indivíduo pode e deve fazer e expressar, quais tarefas a ser desenvolvidas, seus “dons” naturais, suas “obrigações”, usualmente relacionadas ao gênero a qual pertencem – e que está vinculado a seu sexo biológico. Os homens estão designados, via de regra, a serem os provedores, a não demonstrarem afeto, tornarem-se reativos e violentos e não se ocuparem de tarefas domésticas e de cuidado, tendo sido relegado às mulheres, os comportamentos opostos. Somos as conhecidas “embaixadoras das emoções”, do cuidado e do ambiente doméstico.

É importante pontuar que o cuidado não diz respeito apenas ao cuidado de crianças, mas pode ser pensado em diferentes aspectos, sejam eles relacionados às pessoas (cuidar de si ou de outro), à natureza, à humanidade. De acordo com Redondo (2017), outra autora que aprofunda essa perspectiva é Joan Tronto (2005) propondo que a responsabilidade pelo cuidado está relacionada com a organização da sociedade. Essa divisão, ao ser mais igualitária, age em prol da equidade de gênero e pode ser ela mesma a propagadora de uma ética que passa através das gerações: pessoas cuidarão porque aprenderam que cuidado é responsabilidade individual e coletiva, e não está atrelada a apenas uma parcela da sociedade, reforçada por argumentos biologicistas.

O próprio Trystan afirma que “ser um pai”, nesse caso, é análogo a “ser uma mãe”: o cuidado não é relacionado necessariamente ao gênero feminino, assim como gerar e parir não será somente através da mulher. Tomar “muito a sério a parentalidade” (Youtube, 2017)⁷, tornando-a parte central da vida desse casal demonstra sua experiência de cuidado, que já havia sido desenvolvida a partir da adoção dos sobrinhos de Biff⁸, podendo ser vivida a partir de uma experiência fisiológica, mas também cultural que, atrelando a função materna a uma identidade masculina, ressignifica papéis sociais e reapresenta-os a partir de uma nova perspectiva, baseada em valores que promovem a diversidade, a desnormalização de identidades e funções sociais e o respeito a diferentes contextos familiares.

Bibliografia

- Bento, Berenice (2006), *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- Braidotti, Rosi (2001), “Becoming-Woman: Rethinking the Positivity of Difference”, 381-413, Heilburn C. & Miller N. (Authors) & Bronfen E. & Kavka M. (Eds.), *Feminist Consequences: Theory for the New Century*, Columbia University Press.
- Butler, Judith (2010), *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gilligan, Carol (2013). “El daño moral y la ética del cuidado”, Gilligan, Carol. *La ética del cuidado*. Cuadernos de la Fundació Victor Grífols i Lucas. Barcelona: 30. Consultado à 16.01.2018, em <http://www.secpal.com/%5CDocumentos%5CBlog%5CCuaderno30.pdf>

⁷ Extraído da entrevista para o programa This Morning: “Meet the Man Who Is Eight Month Pregnant”. Em transcrição do original, em inglês: “It’s something we take very very seriously parenting is the core part of our lives”.

⁸ Cujas mães haviam perdido a guarda devido ao abuso de substâncias.

- Hall, Stuart (2005), *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Haraway, Donna (2009 [orig. 1985]), “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, Haraway, Donna et al. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Instituto Promundo (2014), *Programa P: manual para o exercício da paternidade e do cuidado*. Rio de Janeiro: Instituto Promundo. Consultado a 31.01.2018, em <https://promundo.org.br/recursos/programa-p-manual-para-o-exercicio-da-paternidade-e-do-cuidado/?lang=portugues>
- Jesus, Jacqueline Gomes de (2012), “Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos”. Consultado a 24.01.2018, em https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989
- Lyra, Jorge (1997), *Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção*. São Paulo. 182p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC/SP. Consultado a 30.01.2018, em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST21/Medrado-Azevedo-Lyra_21.pdf
- Medrado, Benedito; Lyra, Jorge (2002), “O homem no processo de ter filhos”, Rede Saúde, *Dossiê Humanização do Parto*. São Paulo: Rede Nacional Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, 24, Consultado a 30.01.2018, em <http://www.redesaude.org.br/home/conteudo/biblioteca/biblioteca/dossies-da-rede-feminista/015.pdf>
- Monteiro, Anne Alencar (2017), ‘Cavalos-marinhos: gestação e masculinidades trans’, *V Seminário Internacional Enlacando Sexualidades 10 anos*. Consultado a 16.01.2018, em http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA32_ID482_17062017214637.pdf
- Nery, João (2011). *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo: Leya.
- Nery, João (2017), *Vidas Trans – A coragem de existir*. Bauro, SP: Astral Cultural.
- Público.pt (2017), “Ao fim de 30 horas de trabalho de parto, homem transgênero deu à luz um menino”. Página consultada em <https://www.publico.pt/2017/08/06/mundo/noticia/ao-fim-de-30-horas-de-trabalho-de-parto-homem-transgenero-deu-a-luz-um-menino-1781522> e acessada em 31 jan 2018.
- Redondo, Michelle Franco (2017), “A teoria do cuidado e as motivações feministas a uma política do cuidado”, *XXI Congreso ALAS. Las encrucijadas abiertas de América Latina*.

La sociologia em tempos de cambio. Consultado a 16.01.2018, em <http://sociologia-alas.org/acta/2015/library.php?numero=11>

Sebastião, Sónia (2010), “Sujeito Pós-moderno: de andrógino a pós humano”, *Comunicação & Cultura*. Lisboa; 2010. Consultado a 17.12.2017, em <http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/03.-S%C3%B3nia-Sebasti%C3%A3o.pdf>

Youtube (2017), “Meet the Man Who Is Eight Month Pregnant / This Morning”. Página consultada em: https://www.youtube.com/watch?v=xwJNsmT_ly8 e acessado em 25 jan 2018.

Zambrano, Elizabeth (2006), “Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais”, *Horizontes Antropológicos* [online], vol.12, n.26, 123-147. Consultado a 30.01.2018, em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832006000200006&script=sci_arttext#tx04